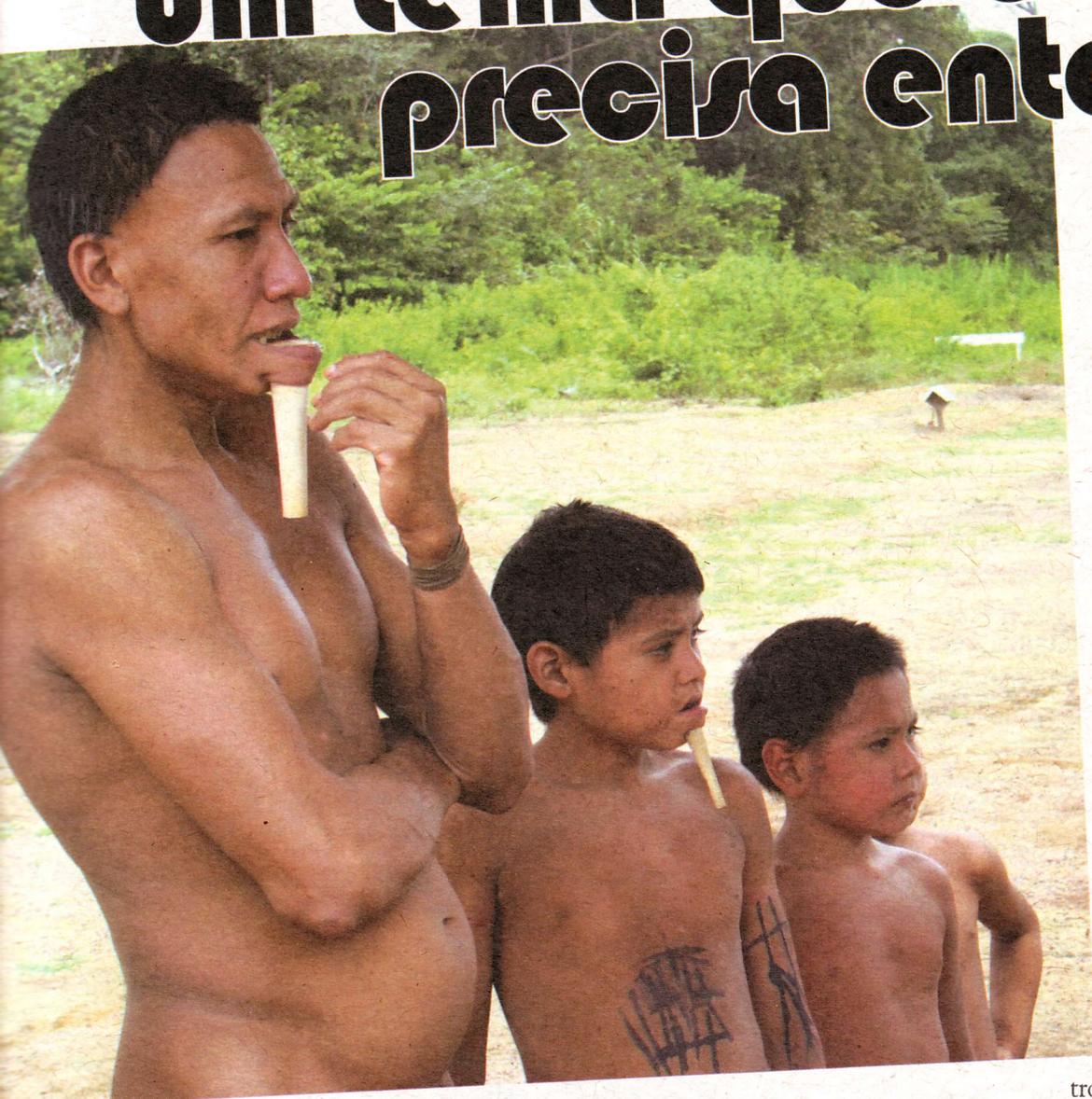


# Povos isolados, um tema que o Brasil precisa entender



O contato com os zoés, grupo indígena de cerca de 250 pessoas do interior do Pará, mostra os desafios para se preservar a cultura indígena

TEXTO E FOTOS  
POR PAULO LIMA

**E**u deixei de ser um homem isolado ou, para os antropólogos, pertencente a um povo isolado. Isso em parte, porque desde menino tenho quase fascinação por rádios, ondas curtas, radioamadorismo, propagação, antenas etc. Com o tempo, acumulei algum conhecimento sobre o assunto e, em razão disso e de estar no lugar certo na hora certa, acabei recebendo

o convite para avaliar a implementação de um sistema de comunicação via rádio junto aos zoés.

Não se trata de uma viagem trivial. É preciso pegar um avião monomotor e, depois de uma hora de bastante emoção, pousar numa pista de pouso de chão batido, na Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema. Lá está a vida dos zoés, um grupo indígena de cerca de 250 pessoas que preserva

em muito as suas tradições e modo de viver.

A reserva etnoambiental fica nos municípios de Óbidos e Alenquer, a 253 quilômetros de Santarém, Pará. Não existe acesso fluvial, só aéreo ou depois de dias de *pernada*, como se diz entre os indigenistas. Na reserva, só se pode entrar com autorização da Funai e o que você faz lá dentro é acompanhado de perto pelo coordenador do posto, João Lobato, e pelos cinco funcionários da Funai. Lobato, aliás, é uma figura de grande importância na manutenção da cultura zoé e no controle dos contatos deles com a cultura ocidental. Voltarei a falar dele mais adiante.

Os zoés tiveram contato “oficial” com os não-índios em meados da década de 1980. São caçadores, coletores e cultivam a mandioca. No primeiro momento, quando você sai do apertado monomotor, os zoés logo se aproximam, curiosos para saber quem são os visitantes e o que trazem. Já nesse primeiro contato a sensação é de descoberta de uma estética e uma forma de se relacionar impactante. Os zoés são grandes, porte físico bem definido e uma enorme facilidade em sorrir. Os adornos que usam abaixo do lábio inferior são a sua marca étnica e são gradualmente colocados como alargadores a partir da segunda dentição. Chamam-se *m'berpót* e são feitos a partir de uma árvore nativa, o *poturu*.

• Não usam vestimentas, apenas um laço no pênis e as mulheres uma tiara. Aparentam o que se pode imaginar como um estado de constante felicidade. A curiosidade é maior que tudo e as primeiras perguntas são acompanhadas do toque daquilo que é incomum a eles. O tato sobre minha farta calva é diversão na certa.

Os zoés têm uma especial curiosidade sobre a família ou sobre como nos organizamos como agrupamentos. Os funcionários da Funai possuem algum domínio do idioma, já o coordenador do posto tem um conhecimento bastante aprimorado e a todo instante negocia temas dos mais mezinhos a questões complexas, como o contato com os índios wai-wais que tentam levar a mensagem missionária evangélica para dentro da reserva.

As perguntas aos visitantes, ainda no caminho até a sede da Frente, continuam. Na língua deles, querem primeiro saber seu nome. Ao ouvi-lo quase todos que estão por perto o repetem. Como os orientais, têm dificuldades de pronunciar o som da letra “l”, daí que ouvi muito, “Pauro, Pauro, Pauro”, acompanhado por um abraço ou uma mão de criança sugerindo caminhar junto. Depois,

vem o interesse sobre esposa e filhos. Sempre riem quando a resposta é uma esposa ou um filho só. Aplicada a pergunta a eles, tanto homens como mulheres respondem muitas vezes três para maridos ou esposas e cinco, com muito orgulho na expressão, sobre filhos. Os zoés quando contactados eram 133 em 1991.

## Cores, flechas e adornos

A curiosidade e a liberdade com que vivem no contato com a natureza e com seus corpos é igualmente desafiadora para quem traz as culpas e as travas da religião. As cores com que algumas vezes se pintam (como algumas mulheres completamente cobertas com o vermelho de urucum) impressionam pela beleza e graça. João Lobato, coordenador da Frente há cerca de 12 anos, orienta o visitante sobre o comportamento que devemos ter entre os zoés. Entrega duas páginas impressas com um conjunto de “mandamentos” para a fruição, sem danos, da cultura, modo de viver e desenvolvimento daquela gente.

A Frente tem um cuidado paisagístico impressionante. Lobato e sua equipe fizeram, ao longo desse tempo, intervenções que surpreendem o olhar de um observador que tinha a expectativa de condições precárias que se imagina para populações isoladas. Tudo é de muito bom gosto. Depois de ter ganho o dia com a caça, os índios ficam sentados no chão, conversando entre si e sobre o tema de nossas famílias durante algum tempo. Às vezes são uns 40 ali, no entorno da sede da Frente, brincando com sua barba ou querendo entender porque a mulher branca esconde o seio.

As flechas dos zoés são ricamente decoradas e devem ter alto grau de precisão, já que na região se encontra com certa facilidade pacas, tatus, porcos-do-mato e macacos. No fim do inverno, começa a temporada de



Os zoés tiveram contato “oficial” com os não-índios em meados da década de 1980

caça aos macacos, que nessa época estão mais bem alimentados. Em abril, saem para caçar urubu-rei e, em caso de fracasso, os homens ficam em maus lençóis. Isso porque toda mulher usa tiaras feitas de penas de urubu-rei e a renovação do estoque de penas é tema crucial da afirmação masculina nas relações conjugais.

As crianças, com cinco anos, já começam a brincar com os seus arcos e sabem manejar facas para afiar as flechas. E surpreendem a cada momento com sua capacidade de aparecer e desaparecer de um segundo para o outro. Logo quando surgem, repetem seu nome e fazem caretas, como que convidando para brincar. Sentam no seu colo e gostam de ouvir os nomes em português das par-



Entre os zoés, a poligamia e a poliandria são pilares fundamentais da rede de alianças entre os grupos familiares

tes do corpo em seguida, do toque de seus dedos. Não é para aprender as palavras porque logo voltam a tocar na ponta do seu nariz ou puxar a sua barba e cair na risada. A calva é a parte do corpo mais demandada, entre carinhos, beijos, tapas e tentativas de beliscões.

## O contato com a religião

A sociedade zoé é poligâmica e poliândrica. Como nos diz Rosa Cartagenes, indigenista, “o casamento poligâmico, tanto masculino quanto feminino, é um dos pilares fundamentais da extensa rede de alianças entre os diversos grupos familiares, com relevância para a poliandria, que entre os zoés é altamente estimulada e desejável socialmente como esteio das relações familiares e políticas. Ressalte-se que entre os zoés a poliandria não é eventual nem apenas ‘tolerada’ como mecanismo de equilíbrio demográfico.” O mais interessante é a relação com os filhos. Uma mulher pode ter filhos de outros maridos, mas os seus filhos são igualmente filhos dos pais dos irmãos. Ou seja, uma criança zoé é cuidada por dois ou três pais, por exemplo.

Outro tema muito importante para entender a complexidade do universo zoé é a ausência de hierarquia. Não existem pajés ou caciques. O contato com os índios wai-wais, que vez por outra invadem a reserva, é uma das principais fontes de tensão na área. Os wai-wais são contatados há muito tempo e têm relações com missionários evangélicos. Na Funai, há 54 missões religiosas cadastradas, mas o número pode ser maior, já que muitos missionários conseguem se infiltrar entre os indígenas, sem o conhecimento do órgão.

Para exemplificar o problema, basta conhecer a que se propõem as grandes missões internacionais evangelizadoras. A Jovens com uma Missão (Jocum) está no Brasil desde

1960 e mantém centenas de missionários espalhados pelo país, levando a idéia de família monogâmica, da necessidade da vestimenta e de hierarquia, já que é mais fácil controlar um agrupamento social controlando e negociando com um só líder.

Outras missões importantes são a Missão Evangélica aos Índios do Brasil (Meib), organizada em 1967, que tem o objetivo de expandir o evangelho de Jesus Cristo, promover o estudo da Bíblia e a educação em geral, praticar a beneficência e organizar igrejas entre a população indígena. Há ainda a New Tribes que é uma das maiores missões evangélicas em atuação no Brasil e está presente em 47 aldeias de todas as regiões do país. Na luta contra essa distorção da tradição cultural zoé, João Lobato é um resistente, até o momento com muito sucesso, com seu estilo próprio e obstinado.

Para tentar entender o que se está fazendo na Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema é preciso rever a perspectiva com que você leu este texto. Posso ser entendido como católico que somente cita os evangélicos como vetor de problemas para a “harmonia” política e cultural dos zoés. Não é fato, nessa reserva especificamente há muito tempo não existe contato com missões católicas, como o Conselho Indigenista Missionário. Mas sim, concordo com a intervenção do Estado na gestão do isolamento dos zoés como fundamental para sua preservação e encanto pelo trabalho lá feito no campo da saúde indígena.

A preservação daquela cultura e daquele modo de viver é dever do Estado brasileiro. A identidade cultural brasileira é também zoé, por mais que nosso comportamento globalizado e ocidental a negue. O suspiro de originalidade que eles representam precisa ser ressignificado para o que é ser brasileiro. E, se ser brasileiro for também ser zoé, ser brasileiro há de ser melhor. **F**

